



O PÁSSARO ENCANTADO

ELIANE POTIGUARA
ALINE ABREU ILUSTRAÇÕES

JUJUBA

ESTE SÍMBOLO SIGNIFICA COPYRIGHT E QUER DIZER O DIREITO QUE ALGUÉM TEM SOBRE ALGUMA COISA.

© do texto: Eliane Potiguara © das ilustrações: Aline Abreu © da edição 2014: Jujuba Editora

A ELIANE, QUE É A ESCRITORA, TEM O DIREITO SOBRE O TEXTO.

A ALINE, QUE É A ILUSTRADORA, TEM O DIREITO SOBRE AS IMAGENS.

A JUJUBA TEM O DIREITO DE PUBLICAR O LIVRO.

É QUEM ESCREVE O LIVRO.

É QUEM CONVIDA O AUTOR E O ILUSTRADOR PARA FAZER O LIVRO.

Autora: Eliane Potiguara

É QUEM FAZ OS DESENHOS.

Ilustradora: Aline Abreu

Editora: Daniela Padilha

OS REVISORES CORRIGEM AS PALAVRAS DO TEXTO.

É QUEM AJUDA A CONSTRUIR O LIVRO.

Assistente editorial: Rita Fittipaldi

Revisores: Carmen Costa e Ricardo Nascimento

Projeto gráfico: Raquel Matsushita

É QUEM COLOCA TUDO NO COMPUTADOR E FAZ O LIVRO.

É QUEM AJUDA A MONTAR O LIVRO NO COMPUTADOR.

Diagramação: Cecilia Cangelo | Entrelinha Design

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

P88p

Potiguara, Eliane

O pássaro encantado / Eliane Potiguara; ilustrações Aline Abreu.

- 1. ed. - São Paulo: Jujuba, 2014.

32 p.: il.;

ISBN 978-85-61695-53-8

1. Ficção infantojuvenil brasileira. I. Abreu, Aline. II. Título.

14-10992

CDD: 028.5

CDU: 087.5

ISBN É UM SISTEMA INTERNACIONAL QUE IDENTIFICA O LIVRO DE FORMA NUMÉRICA, COMO O NOSSO RG.

ISTO É A FICHA CATALOGRÁFICA. SUA FUNÇÃO É CONTER AS INFORMAÇÕES NECESSÁRIAS PARA UM LIVRO SER LOCALIZADO. OS BIBLIOTECÁRIOS, POR EXEMPLO, A UTILIZAM MUITO EM SEU TRABALHO PARA ORGANIZAR OS LIVROS.

1ª edição • São Paulo • 2014

5ª reimpressão • São Paulo • 2021

Texto em conformidade com as novas normas da ortografia.

JUJUBA EDITORA

Rua São Columba, 2 São Paulo SP Brasil 03276-110

www.jujubaeditora.com.br | jujuba@jujubaeditora.com.br

O PÁSSARO ENCANTADO

ELIANE POTIGUARA
ALINE ABREU ILUSTRAÇÕES

JUJUBA

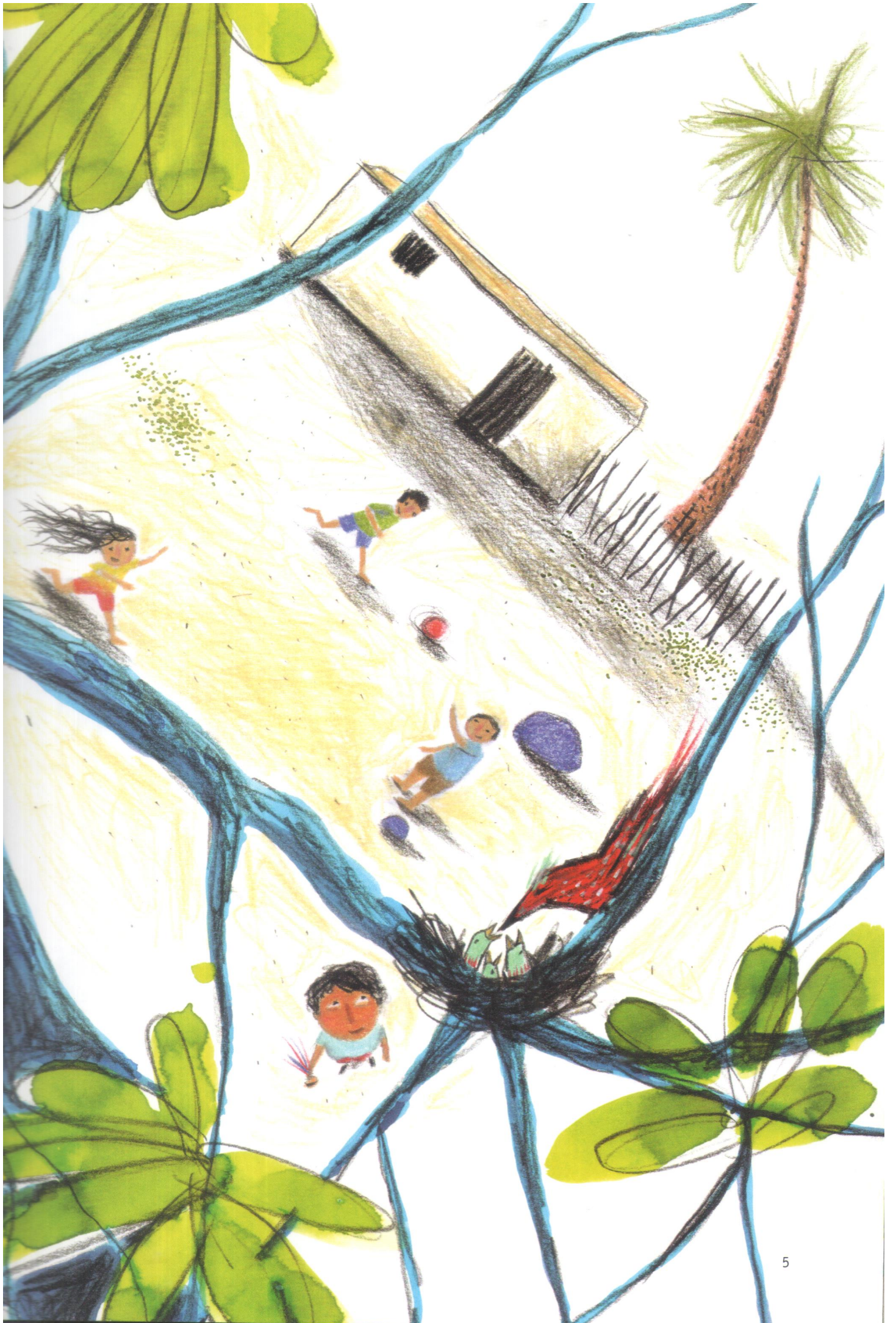
No meio da mata, as crianças brincavam bem perto da casa onde moravam. Adoravam jogar bola e peteca. E riam... E riam... E riam...

As mães e algumas meninas, abaixadas no chão, preparavam o peixe moqueado e o beiju com a farinha de mandioca. Os pássaros cantavam. Era uma alegria só! O sol brilhava, as nuvens viajavam.

— Crianças! Está na hora de comer! — chamou uma das mães.

As crianças correram para ver quem chegava primeiro e riam...
Como riam as crianças!





De repente, no meio do silêncio da natureza,
surgiu o som de um pássaro que cantava muito alto
e anunciava o florescer de algo novo:

FIUUUUÚ... FIUUUUU



FUUUUÍ...



Um momento mágico e bom para a comunidade. Sentia-se no ar aquele frescor. Mas as crianças levaram um susto com aquele canto!

Imediatamente, do meio da mata, a avó apareceu e disse:
— Não se assustem, crianças! É o pássaro que vem de longe!

E contou:

Num tempo muito antigo, todas as crianças da aldeia estavam muito quietas e sérias. Elas não brincavam com seus brinquedos, não corriam como antes e nem pulavam nos rios. Nem um sorriso elas davam... E criança parada é sinal de algo que não vai bem!

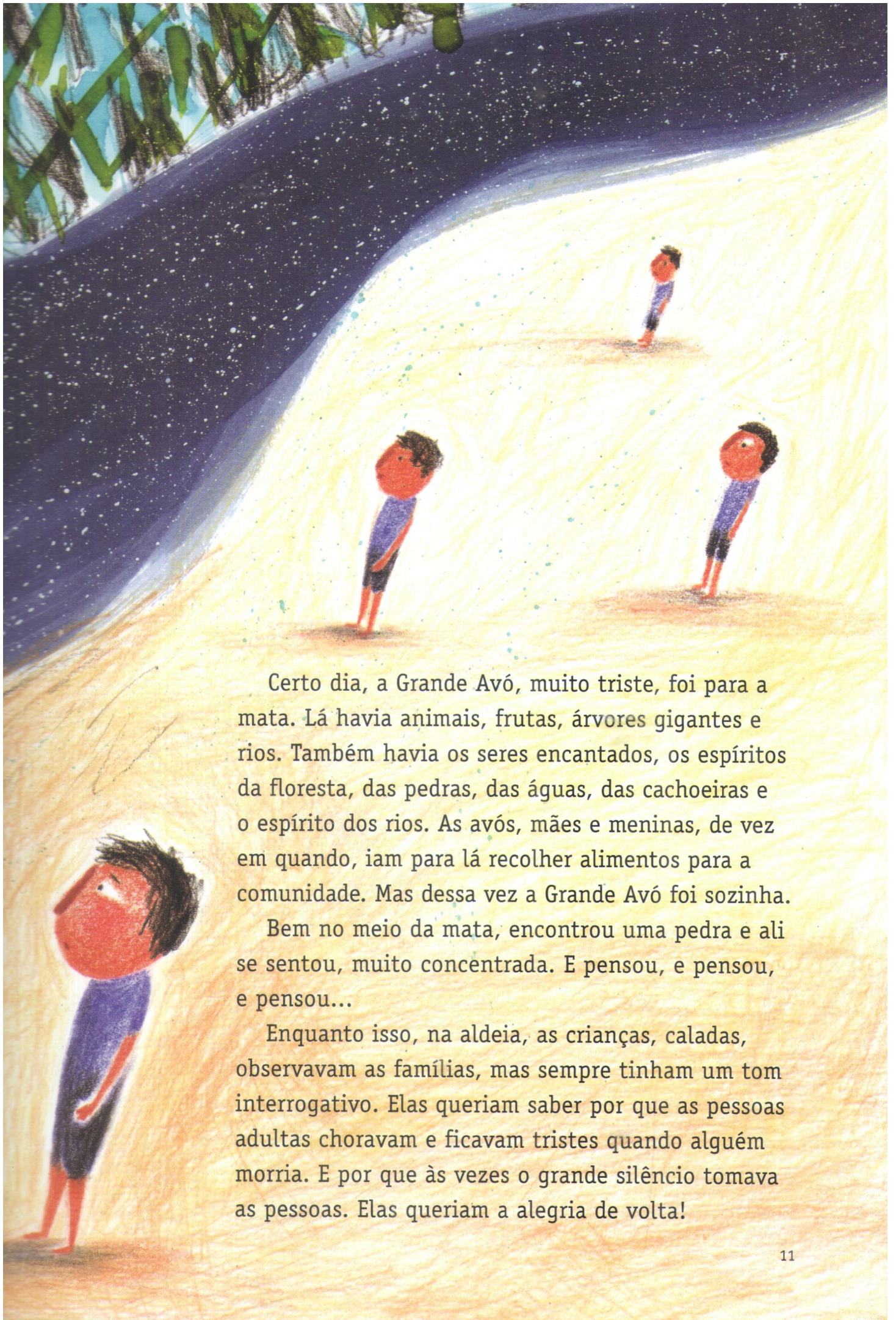
Elas estavam assim porque o Grande Avô tinha morrido. Todos sentiam muito a falta dele, que era o pajé da comunidade, aquele que curava e conversava com todos.

Era normal que as pessoas ficassem dias e meses meditando sobre a morte dos parentes. Era um momento de reflexão sobre a passagem da pessoa pela vida, o que ela construiu, como contribuiu para o bem-estar da família, como amou seus filhos, netos e bisnetos... Mas as crianças não entendiam as coisas dessa maneira. Só viam a tristeza.










Certo dia, a Grande Avó, muito triste, foi para a mata. Lá havia animais, frutas, árvores gigantes e rios. Também havia os seres encantados, os espíritos da floresta, das pedras, das águas, das cachoeiras e o espírito dos rios. As avós, mães e meninas, de vez em quando, iam para lá recolher alimentos para a comunidade. Mas dessa vez a Grande Avó foi sozinha.

Bem no meio da mata, encontrou uma pedra e ali se sentou, muito concentrada. E pensou, e pensou, e pensou...

Enquanto isso, na aldeia, as crianças, caladas, observavam as famílias, mas sempre tinham um tom interrogativo. Elas queriam saber por que as pessoas adultas choravam e ficavam tristes quando alguém morria. E por que às vezes o grande silêncio tomava as pessoas. Elas queriam a alegria de volta!





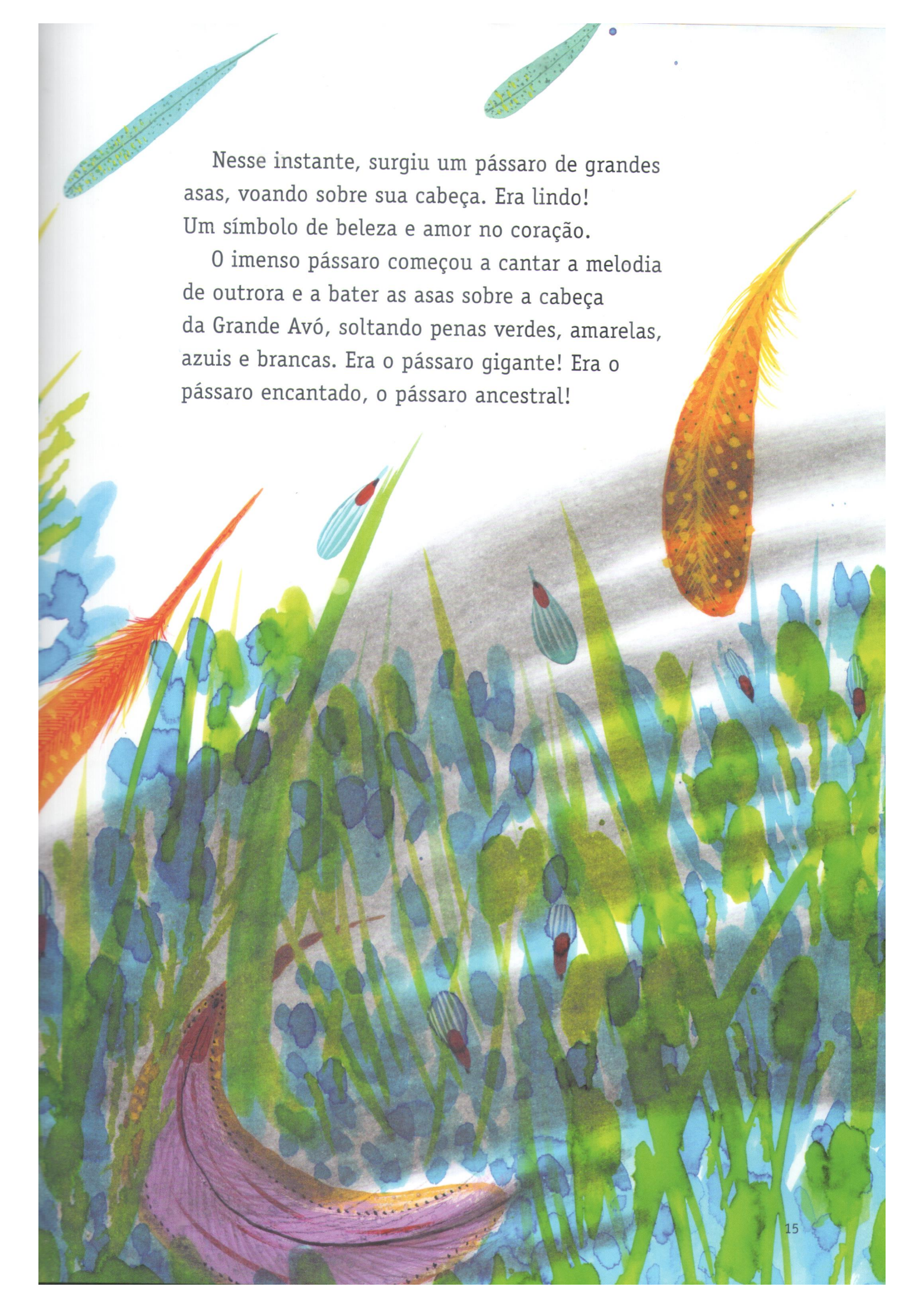
Na mata, a Grande Avó, sentada
na pedra, começou a assoviar:

FIUUUUÚ... FIUUUUÚ... FIUUUÍ...

E vieram à sua memória dezenas de imagens. Ela se lembrou de um canto de pássaro que ouvia quando era criança. O canto era único e lindíssimo!

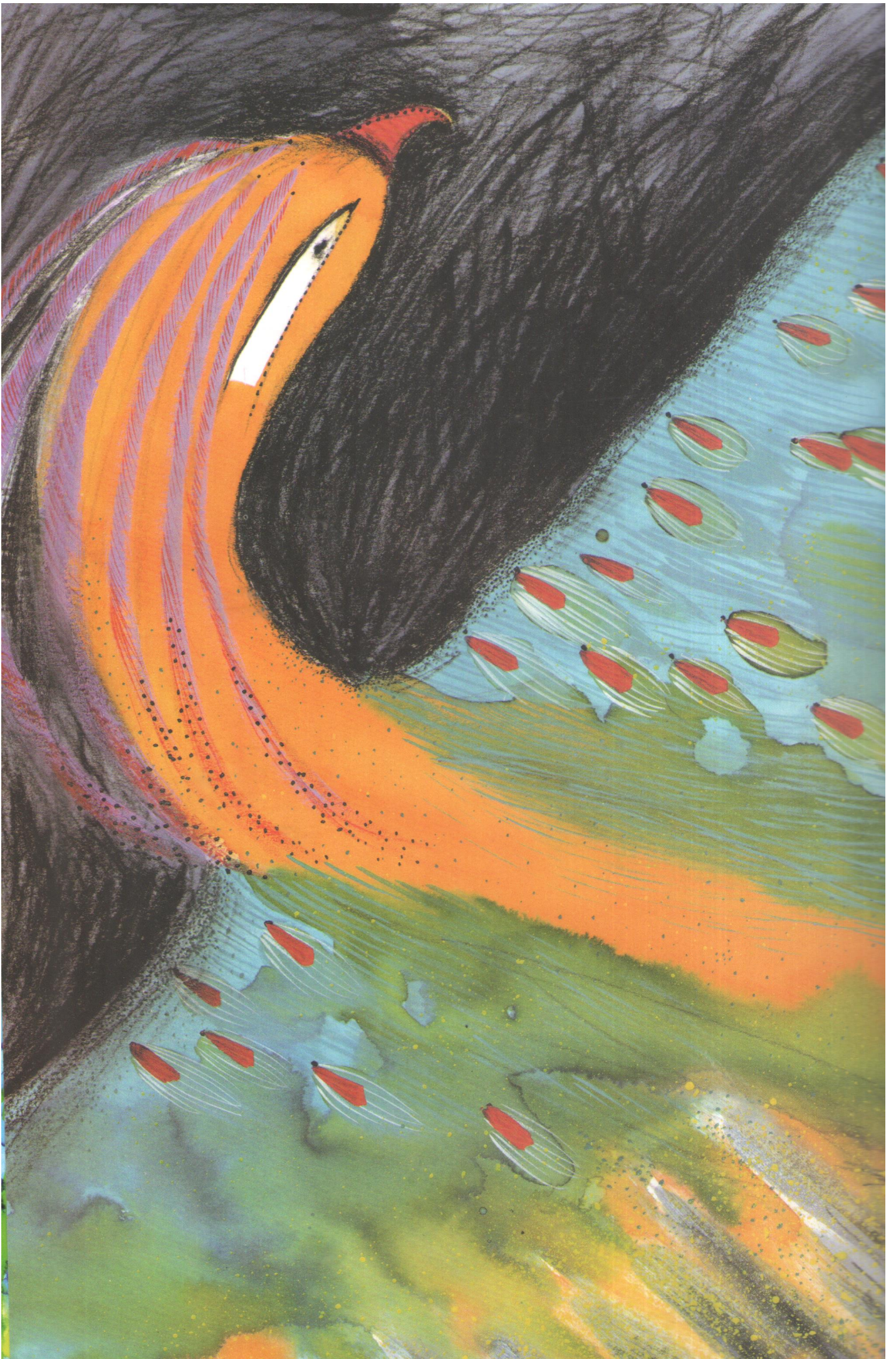
E, então, recordou-se que dentro de um toco de árvore bem grande estava escondido um canto antigo de pássaro que seus avós cantavam para ela e para a comunidade. Levantou-se da pedra, procurou o toco, vasculhou tudo e achou. Era o mesmo toco da sua infância, só estava mais velho. A Avó agachou ao lado dele e olhou, olhou e olhou, mas não encontrou nada. Dentro do toco só havia escuridão...



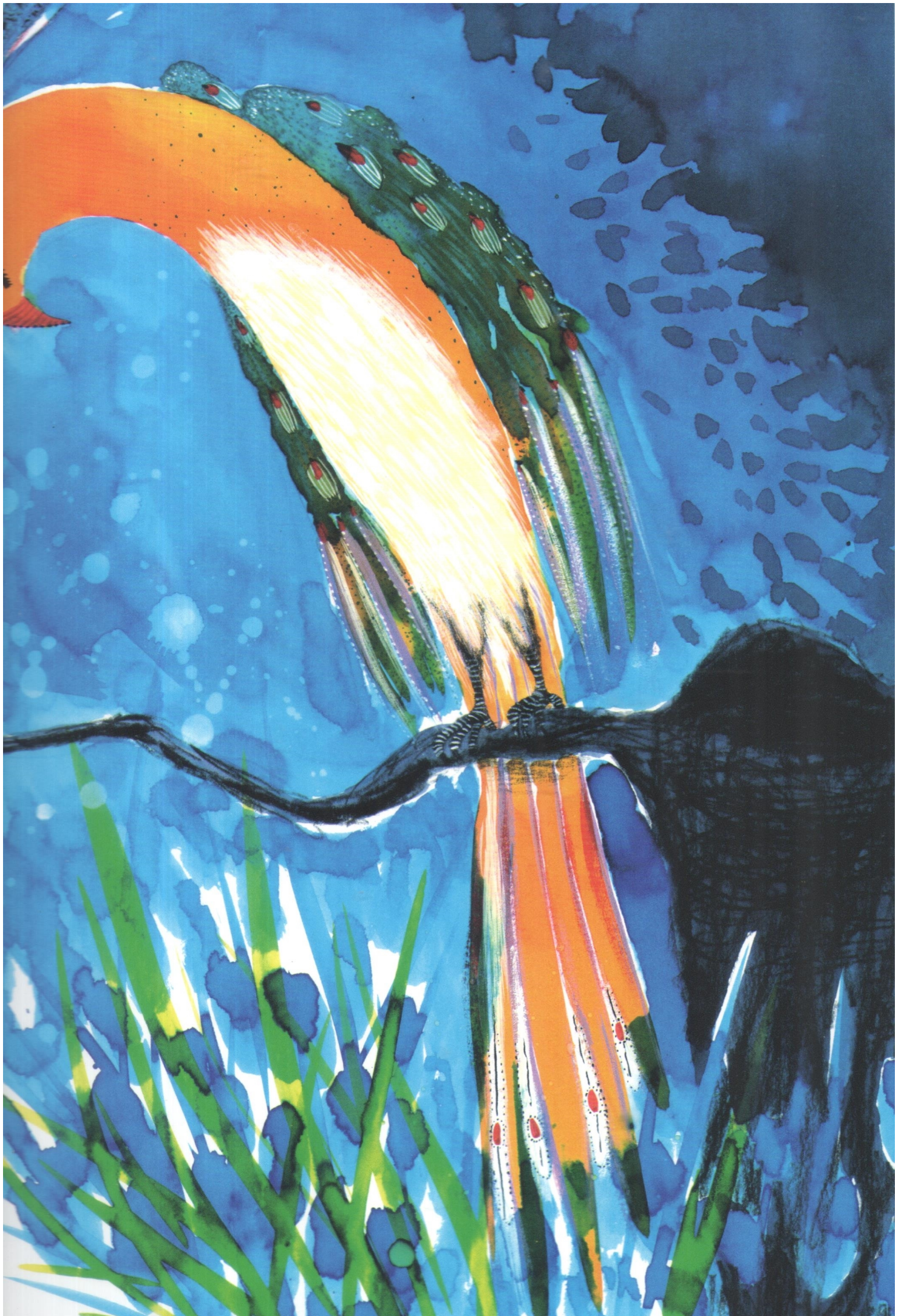
A watercolor illustration of a magical scene. In the foreground, there is a field of tall, green grass and blue flowers. A large, purple, winged creature is visible in the lower left corner. In the background, a large, grey, mountain-like shape is visible. Several colorful feathers are scattered around: a large orange feather on the right, a blue feather with a red tip on the left, and a green feather at the top. The overall style is soft and artistic.

Nesse instante, surgiu um pássaro de grandes asas, voando sobre sua cabeça. Era lindo! Um símbolo de beleza e amor no coração.

O imenso pássaro começou a cantar a melodia de outrora e a bater as asas sobre a cabeça da Grande Avó, soltando penas verdes, amarelas, azuis e brancas. Era o pássaro gigante! Era o pássaro encantado, o pássaro ancestral!









Era como se ele reconhecesse na Avó a Grande Mãe da Terra, aquela que tudo sabe e protege, a que tem a intuição como estrada e anda com a guerreira à sua frente contra qualquer perigo à sua espécie. É a mulher que detém o conhecimento da história daquele povo e que tem o dom de curar a todos: a mulher sábia! A mulher que todos respeitam!

A Avó recolheu as penas do chão e mostrou o braço soberano para que o grande pássaro nele pousasse.



O pássaro, feliz, pousou no braço da
anciã e ela o levou para a sua casa, a fim de
mostrar a todos os que habitavam naquele
lugar o grande achado, a preciosidade daquele
momento: a ancestralidade de seu povo.





As crianças, ansiosas, chamaram pela Grande Avó e perguntaram onde ela havia encontrado aquele maravilhoso pássaro colorido.

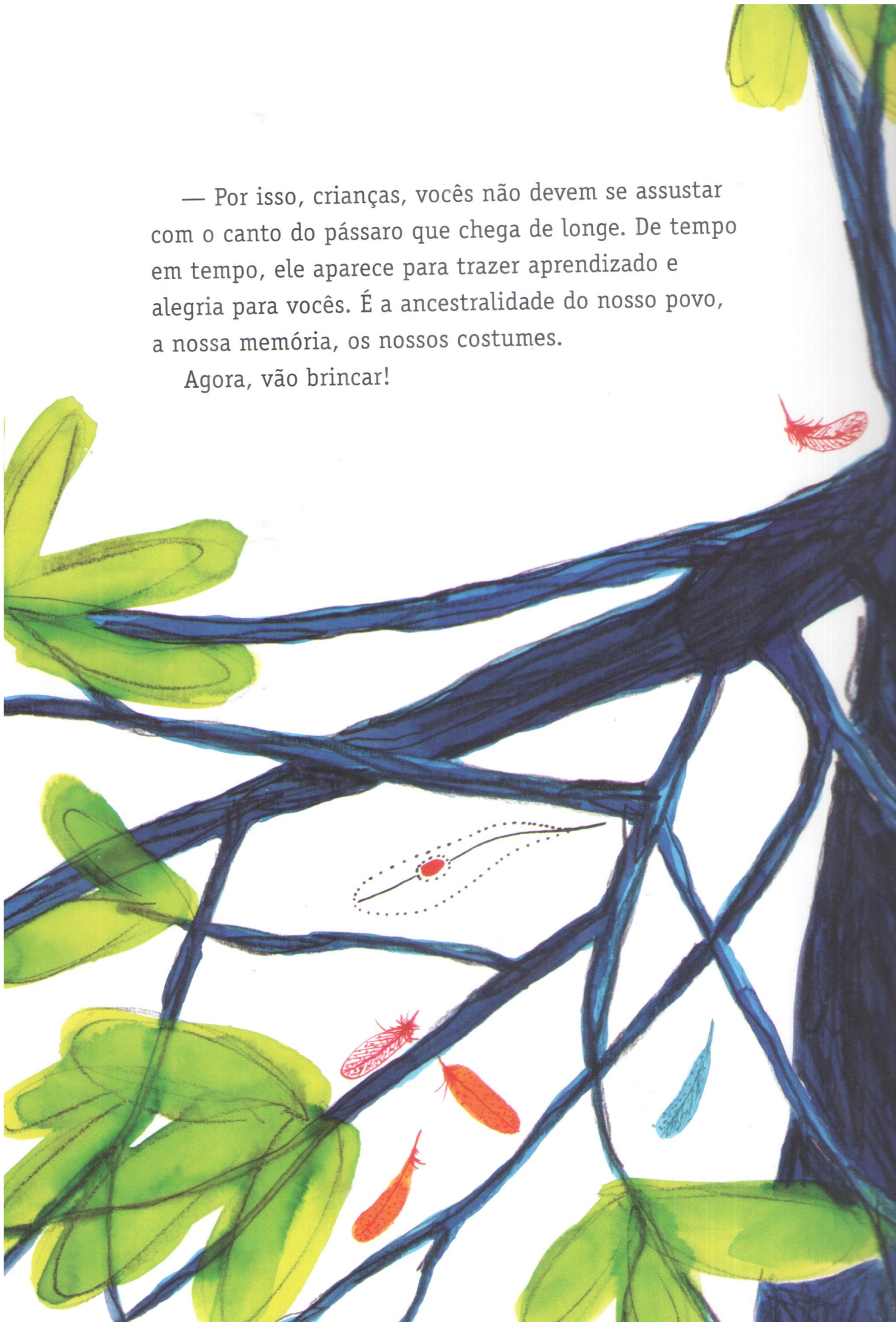
E o pássaro, acenando com as asas, emitiu suavemente a linda canção. As crianças, ouvindo aquele canto, começaram a pular, a brincar. E riam... E riam... E riam...

As mulheres, com as penas coloridas que caíam, fizeram cocares para colocar na cabeça e colares para o pescoço, para serem usados nas festas e em momentos de alegria.



— Por isso, crianças, vocês não devem se assustar com o canto do pássaro que chega de longe. De tempo em tempo, ele aparece para trazer aprendizado e alegria para vocês. É a ancestralidade do nosso povo, a nossa memória, os nossos costumes.

Agora, vão brincar!





QUEM SÃO OS POTIGUARAS?



Fonte: Genildo Avelar Cardoso
<http://indiospotiguaraparabaemfoco.blogspot.com.br/>

O toré é dançado por crianças e adultos.

Os potiguaras vivem em todo litoral brasileiro. Com a colonização, foram dispersos pelos estados do Nordeste e estão, principalmente, na Paraíba e no Ceará com aproximadamente 20 mil pessoas (segundo o Censo Demográfico de 2010).

Hoje os potiguaras falam a língua portuguesa, mas há cerca de vinte anos vêm passando por um processo de vivificação de sua cultura e língua. Assim, as crianças e muitos adultos têm aula de tupi.

Como vivem numa região litorânea, as crianças potiguaras brincam muito nas águas e vários dos seus brinquedos vêm da natureza, como conchas, caramujos, pedras e areia. Como tantas outras crianças, elas jogam bola, brincam de boneca, casinha e pique. Muitas também ajudam os pais nas lavouras. O toré é a dança dos potiguaras e é considerada uma das maiores expressões da espiritualidade e cultura indígenas. Compõe-se de um grupo que dança em roda e canta cantigas específicas para entes da natureza, como pássaros, e para pessoas, histórias ou santos, como São Miguel Arcanjo.



Fonte: Genildo Avelar Cardoso
<http://indiospotiguaraiparaibaemfoco.blogspot.com.br/>

Crianças indígenas potiguaras da Paraíba.

Não só os potiguaras, mas todos os povos indígenas do Brasil têm uma relação sagrada com os avós e antepassados. É uma relação de amor e respeito, pois nossos ancestrais são responsáveis por transmitir nossa cultura, tradição e língua.

Por causa da migração dos potiguaras para outras localidades, nasci em uma comunidade indígena na periferia do Rio de Janeiro, e todos os meus ensinamentos da cultura indígena vieram pela minha avó, por suas histórias e vivências.

Visitei muitas vezes o meu povo de origem, além de muitos outros. Minha vida é uma vida indígena, respeitando as tradições, costumes e tendo a consciência de quem eu sou. Formei-me professora, viajei por muitos países, falei várias línguas, adquiri muitos conhecimentos e não abandonei minhas raízes indígenas. E tudo vem dos aprendizados que tive com a minha avó.

ELIANE POTIGUARA

QUEM ESCREVEU ESTE LIVRO



Meu nome é **Eliane Potiguara** e sou descendente do povo potiguara.

Sou escritora indígena e vivo no Rio de Janeiro. Minha escrita é fruto das lembranças de minha família, principalmente de minha avó, com quem aprendi a ser quem sou hoje. Minha avó trabalhava na feira, na comunidade indígena no Rio de Janeiro, onde morávamos, e sentia muita saudade dos parentes de quem foram dela separados. Por isso, ainda pequena eu escrevia as cartas por ela narradas e, assim, ia me tornando uma pequena escritora.

Já viajei para vários países para relatar e lutar pelos direitos indígenas. Em 2005 fui indicada ao Prêmio Internacional “Mil Mulheres ao Prêmio Nobel da Paz”. Também ganhei o Prêmio Literário do PEN CLUB da Inglaterra e do Fundo Livre de Expressão, nos Estados Unidos, pela atuação política do livro *A terra é a mãe do índio*.

Para conhecer um pouco mais sobre mim e meu povo, visite www.elianepotiguara.org.br

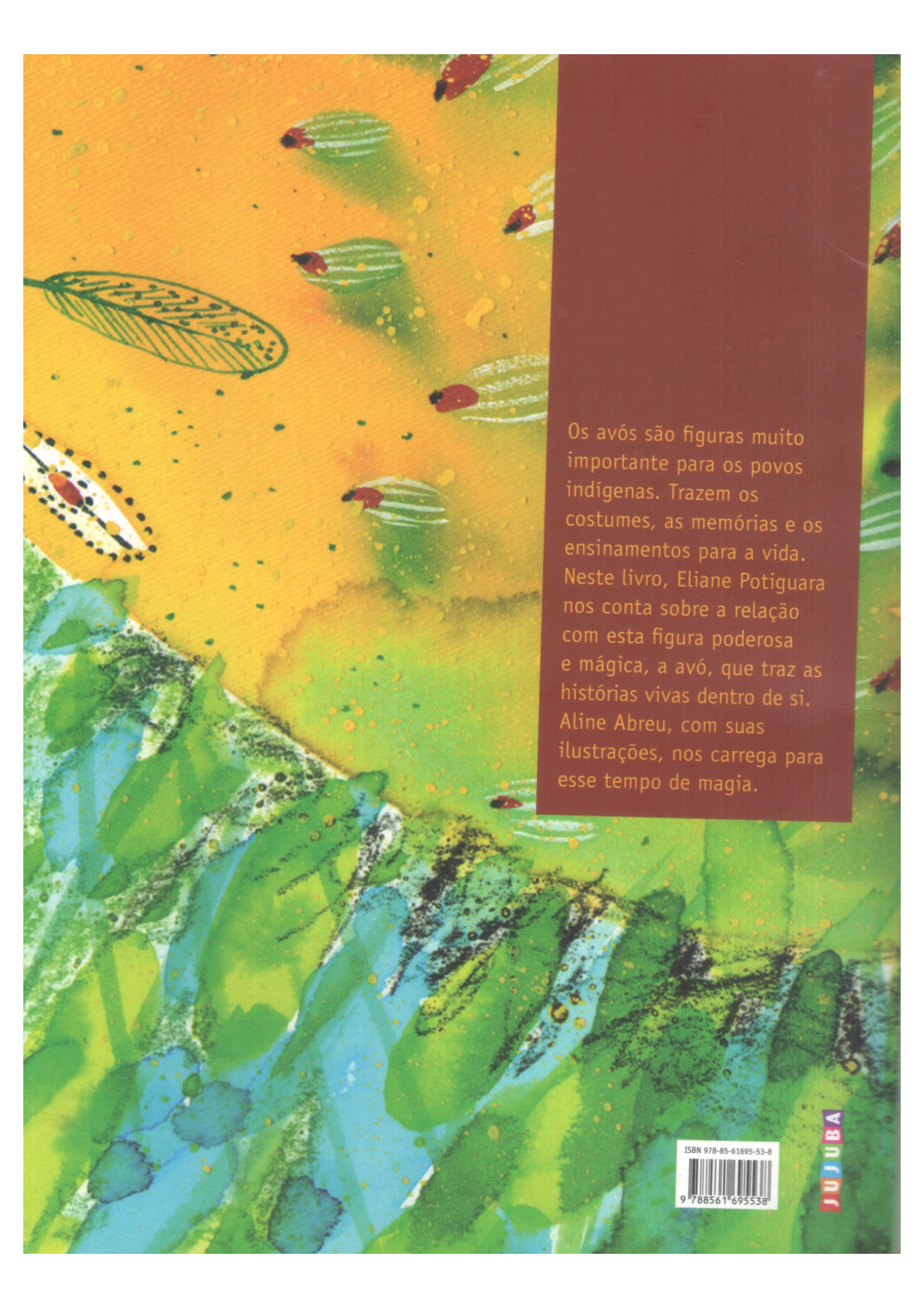
QUEM ILUSTROU ESTE LIVRO



Meu nome é **Aline Abreu** e sou ilustradora e escritora. Quando li esta história, imediatamente me liguei a ela de um jeito muito emocional. Sempre ouvi minha mãe contar as histórias de sabedoria do vô Juca, meu bisavô, que era filho de uma indígena da região de Mutum, Zona da Mata, em Minas Gerais. Nunca consegui saber ao certo qual a etnia do vô Juca, mas descobri que os primeiros moradores de sua terra foram os Botocudos. Sempre imaginei esse avô como um elo entre a força da terra, a vida de minha mãe e a minha vida.

Gosto de misturar muitos materiais em meus desenhos. Para encontrar as formas e cores deste livro, trabalhei com tinta para caneta, pastel seco, ecoline e carvão. Inspirei-me nos grafismos dos potiguaras e em toda a memória ancestral que surgiu em mim.

Tenho mais de dez livros publicados. Para conhecer um pouco sobre o meu trabalho, visite www.alineabreu.com.br



Os avós são figuras muito importante para os povos indígenas. Trazem os costumes, as memórias e os ensinamentos para a vida. Neste livro, Eliane Potiguara nos conta sobre a relação com esta figura poderosa e mágica, a avó, que traz as histórias vivas dentro de si. Aline Abreu, com suas ilustrações, nos carrega para esse tempo de magia.

ISBN 978-85-61695-53-8



9 788561 695538

JUJUBA